

especial

Petróleo em águas profundas ou etanol na superfície?

Com o vazamento de petróleo no Golfo do México, surgem questionamentos quanto ao impacto do desastre sobre a prospecção do óleo em águas profundas e o que isto pode representar aos biocombustíveis

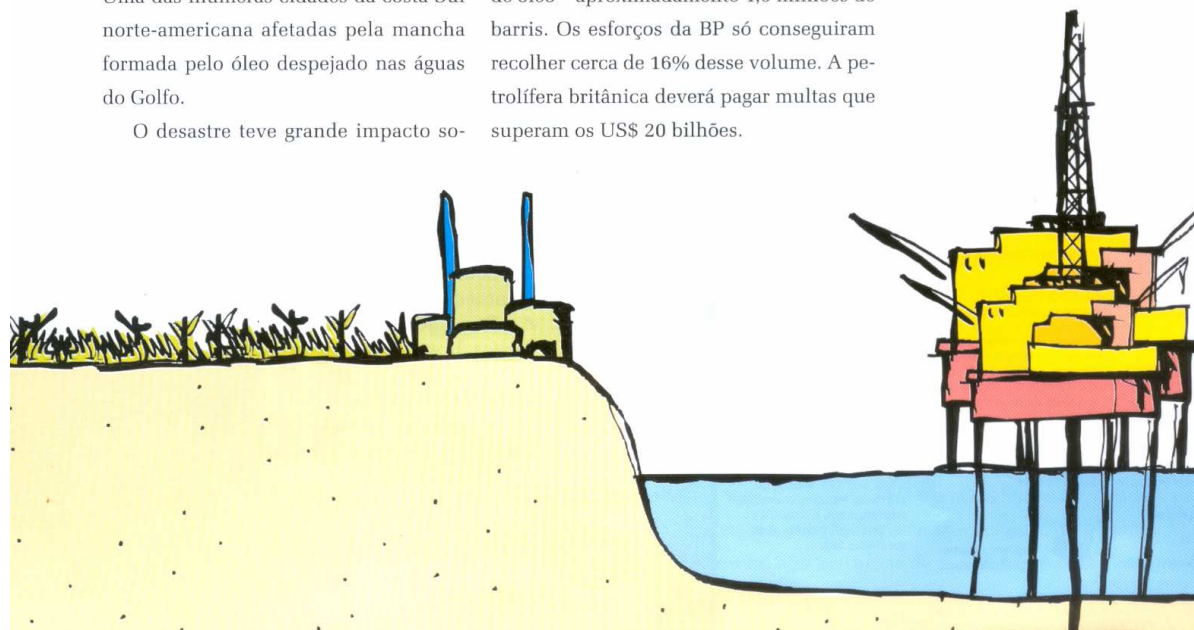
 Clivonei Roberto

Numa loja de departamentos em Manhattan, Nova York, vários televisores estão ligados. Parados na frente deles, dezenas de estarecidos cidadãos norte-americanos acompanham pelos diferentes noticiários a cobertura do vazamento de petróleo no Golfo do México. A maior tragédia ambiental já ocorrida nos EUA. A preocupação com o assunto não era diferente nas manchetes dos jornais de Los Angeles, nas conversas entre deputados e senadores no Capitólio, em Washington, e entre os 1,7 mil moradores da pequena Grand Isle, no litoral da Louisiana. Uma das inúmeras cidades da costa Sul norte-americana afetadas pela mancha formada pelo óleo despejado nas águas do Golfo.

O desastre teve grande impacto so-

bre o meio ambiente da região e atividades econômicas, como a pesca e o turismo. O vazamento acidental de petróleo começou quando um poço ligado a uma plataforma de perfuração da petrolífera britânica BP (British Petroleum) - a *Deepwater Horizon* - explodiu e afundou no mar, além de matar 20 funcionários, no dia 20 de abril.

Depois de mais de três meses de tentativas da BP de conter o vazamento, a companhia teve sucesso no início de agosto, depois de 106 dias. O governo norte-americano divulgou que foram derramados nas águas do Golfo cerca de 780 milhões de l de óleo - aproximadamente 4,9 milhões de barris. Os esforços da BP só conseguiram recolher cerca de 16% desse volume. A petrolífera britânica deverá pagar multas que superam os US\$ 20 bilhões.



Cadastro de fornecedores

“O acidente do Golfo do México é da maior gravidade e criou um grande debate em torno dele”, observa Marcos Jank, presidente da União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica). Para ele, o desastre deve trazer um impacto fenomenal na questão da exploração do petróleo em águas profundas, porque vai aumentar o custo da operação, as regulações e tem a ver com o futuro da matriz energética planetária e também do etanol. “Enquanto nos EUA se fala sobre esse assunto o tempo todo, no Brasil a atenção que se deu foi muito pequena, numa época em que só se falava na imprensa de assassinato envolvendo goleiro [Bruno, do Flamengo].”

Segundo o professor João Martines, do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”), o impacto teve uma ressonância muito grande nos EUA. “O povo norte-americano ficou muito envolvido. Fez acender a luz vermelha sobre a matriz energética. Muitas coisas começaram a ser abordadas, inclusive sobre etanol e outras fontes renováveis de energia.” Martines salienta que as pesquisas sobre o carro elétrico e o carro híbrido também ganharam evidência. “Aumentou a pressão. As fontes renováveis foram realmente afirmadas como uma necessidade.”

Para Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura, a exploração de petróleo no mar nunca mais será a mesma do ponto de vista ambiental. “O acidente do Golfo é um marco no mercado do petróleo no que se refere a uma política ambiental.”

CONSEQUÊNCIAS DO ACIDENTE

Além das consequências do vazamento sobre a natureza marinha e a economia da costa Sul dos EUA, muito se especula sobre quais serão os desdobramentos do vazamento da BP no Golfo do México no médio e longo prazos.

O governo norte-americano obrigou-se a revisar as políticas de energia e a regulamentação do setor petrolífero após o acidente da BP. Os sistemas de segurança e a

Durante o Simtec (Simpósio Internacional e Mostra de Tecnologia) deste ano, em Piracicaba, um dos eventos que mais chamou a atenção dos visitantes da feira foi sobre petróleo e gás e as oportunidades que essa indústria representa para a cadeia de fornecedores do setor sucroenergético.

Na ocasião, foi apresentado o potencial desse segmento no Brasil e a Onip (Organização Nacional da Indústria do Petróleo) divulgou os procedimentos de cadastramento e qualificação das empresas interessadas no cadastro de fornecedores das operadoras de petróleo.

Segundo Luciano Almeida, secretário de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, a indústria petrolífera vai investir bilhões nos próximos anos, mas o índice de fornecimento das empresas brasileiras é muito baixo, principalmente de equipamentos de maior valor. Para incentivar a participação da indústria nacional na exploração e produção do pré-sal, o governo brasileiro está analisando mecanismos de nacionalização das compras da Petrobras. Esse dispositivo consta da lei de capitalização da estatal. O percentual a ser atendido pela indústria local está sendo estudado, mas o patamar mínimo deverá ser de 37%, podendo chegar a 65% quando for iniciada a produção. “Mas falando só em valores, em alguns casos, esse montante não chega a 15% hoje. Esse é um problema para as petrolíferas e também para as empresas brasileiras, que estão tendo dificuldade para atender esse mercado”, diz Almeida.

fiscalização das indústrias petrolíferas provavelmente serão aperfeiçoados.

Segundo Miguel Biegai, consultor da Safras & Mercado, o acidente do Golfo do México, bem como outros derramamentos de petróleo recentes, como na China, influenciarão no custo de produção do petróleo.

Principalmente, o acidente do Golfo do México detonou uma preocupação maior com a segurança e os impactos ambientais da exploração do combustível. “As exigências e a fiscalização das autoridades governamentais e órgãos reguladores aumentarão”, diz Biegai. Tudo isso poderá retardar a

Jank: “o acidente do Golfo do México é da maior gravidade e surgiu um grande debate em torno dele”



descoberta de novos campos de exploração petrolífera, já que os gastos envolvidos nas buscas de novas reservas poderão alterar a relação risco-recompensa.

Por causa do acidente, o governo norte-americano chegou a interromper a prospecção de petróleo em águas profundas na costa do País, paralisando as operações de 33 plataformas. Mas ainda vigora uma moratória que proíbe novas perfurações em águas profundas até novembro. Atualmente, cerca de 50 mil plataformas de prospecção petrolífera operam na costa norte-americana, sendo 700 em águas profundas.

No Brasil, ainda não se pode mensurar o impacto dessa nova conjuntura sobre a prospecção do pré-sal. Muito menos se as novas políticas de energia podem inviabilizar a sua exploração. “Pode ser que tecnologias de extração seguras sejam desenvolvidas a um custo menor no médio prazo, mas as atuais soluções de segurança discutidas tornam a produção de petróleo bem mais cara”, diz Biegai.

ÁGUAS PROFUNDAS

De acordo com Adriana Azevedo Perez, pesquisadora do Centro de Economia e Petróleo do IBRE (Instituto Brasileiro de Eco-



Empresas investem no setor de petróleo e gás

Algumas empresas fornecedoras de equipamentos para o setor sucroenergético estão enxergando o segmento de petróleo e gás como uma oportunidade. A Renk Zanini, de Cravinhos, SP, fornecerá os turborredutores que estarão acionando as bombas para a extração nas plataformas da Petrobras P-58 e P-62, localizadas na Bacia de Campos.

Os turborredutores atendem às normas API (American Petroleum Institute) e devem ser extremamente confiáveis, a fim de evitarem a ocorrência de danos sob condições extremas. A Renk Zanini já tem equipamentos presentes em plataformas de Macaé e em refinarias da Petrobras. A Dedini Indústrias de Base, de Piracicaba, SP, também já participa do segmento de óleo e gás, mas segundo o presidente da empresa, Sérgio Leme, não com força total. “Temos fornecimento, de 2008 pra cá, de cerca de 400 vasos de pressão e torres. Mas temos condição de fabricar outros tipos de equipamentos, como trocadores de calor, fornos e caldeiras para óleo e gás. Vamos entrando neste setor progressivamente. Estamos trabalhando agora nas qualificações.”

“Em 2009, mesmo considerando a queda de faturamento por conta da crise, o setor de petróleo e gás teve um aumento na participação dos resultados da empresa, respondendo por 4%”, diz Renato Herz, diretor Comercial da Divisão de Infraestrutura e Energia da Dedini. Segundo ele, atualmente a empresa está negociando acordos com novas tecnologias que possibilitem incluir outros equipamentos, com maior valor agregado, para atender o setor petrolífero. Já a Sermatec, de Sertãozinho, SP, também está se estruturando para atender a demanda da indústria do petróleo e gás, formando uma equipe comercial com pessoas que conhecem o segmento. “Para participar deste setor, a empresa também precisa apresentar um histórico de fornecimentos, sistemas de gestão da qualidade e processos definidos, atestados de qualificação técnica e tecnologia de ponta”, diz Ricardo Carlessi, gerente Comercial da Sermatec.

nomia) da FGV (Fundação Getúlio Vargas), o acidente no Golfo do México levou empresas de petróleo, reguladores e comunidade internacional a reavaliar os potenciais danos que acidentes deste tipo podem acarretar à vida marinha e costeira. “Isto é particularmente importante num cenário em que a fronteira exploratória da indústria de petróleo é a exploração em alto mar.”

Atualmente a exploração no mar é responsável por apenas 20% do petróleo produzido no mundo, mas o ritmo de produção dentro d'água cresce a taxas maiores do que a produção em terra. Segundo Pires, antes do acidente da magnitude do vazamento da BP, a maior parte dos especialistas achava que explorar petróleo no oceano tinha baixo risco ambiental. “Com o aumento da produção no mar e com a exploração sendo feita cada vez mais em maiores profundidades e mais distantes da costa, há necessidade de uma legislação mais rígida para que se evitem acidentes iguais ou maiores do que ocorreu no Golfo”, disse Pires para o Portal IG.

Isso significa que, segundo ele, o custo vai subir. E não apenas por questões ambientais. Perfurar em águas profundas terá um custo global muito maior do que atualmente. “Os seguros serão maiores, as licenças ambientais exigirão normas de segurança maiores, as novas tecnologias serão mais caras e as políticas fiscais poderão gravar mais a exploração de petróleo no mar, com objetivo de se criar fundos que seriam utilizados no caso de acidente”, afirma.

A Agência Internacional de Energia (AIE) não acredita que pode haver mudanças drásticas no setor após o desastre do Golfo. O organismo estima que, mesmo que se aplicasse um atraso de um a dois anos na realização de novos projetos de exploração em águas profundas, isso só teria como consequência uma redução entre 100 mil e 300 mil barris diários na produção norte-americana do Golfo do México até 2015 com relação às previsões anteriores.

Para Javier García Brea ex-diretor do Instituto de Diversificação e Reserva Ener-



Biegai: “as petrolíferas ainda não tiveram que fazer alteração em suas usinas e o impacto do novo custo [decorrente do vazamento da BP] poderá ser sentido pelo mercado somente no médio e longo prazos”

gética, a oferta atual do petróleo não vai ser suficiente para atender o crescimento da demanda em escala global. “Diante da queda das reservas tradicionais, as novas prospecções deverão ser feitas em águas mais profundas dos oceanos com um significativo aumento dos custos e riscos de segurança.” Para ele, o resultado será a elevação do preço do petróleo, e ainda mais da gasolina.

Segundo reportagem publicada no jornal espanhol El País, no futuro tirar petróleo de onde nunca se imaginou, a quilômetros sob a água, será menos rentável. “A queda da rentabilidade pode ser de até seis pontos, desde os 13% ou 14% atuais até os 8%”, trouxe a publicação. Segundo um diretor de uma companhia petrolífera que não quis se identificar, os materiais de segurança (de tubulações a válvulas) serão mais caros, a frequência das supervisões, maior, e, em geral, terão que se igualar às condições de trabalho em todo o mundo. “Do mar do Norte – onde as condições de segurança são mais rígidas – até o Golfo do México, as normas teriam que se igualar”, disse o diretor ao El País.

Já Martines destaca que, com os custos atuais de extração em águas profundas e a cotação do petróleo se mantendo na casa dos US\$ 75, o petróleo tirado em grande profundidade fica viável.

Na reportagem, o jornal chama o vazamento no Golfo do México como uma Chernobyl petroleira. O diretor que deu entrevista ao periódico espanhol concorda que